

PEDAGOGIA DOS MORTOS sete teses desdobradas de um livro de Vinciane Despret

Cristiano Bedin da Costa
Bibiana Munhoz Roos

Resumo

Em *Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam*, Vinciane Despret investiga diferentes modos de ligação entre vivos e mortos. Na contramão de interpretações que atribuem apenas aos primeiros a tarefa de fazer existir ou desfazer vínculos com quem se foi, as diversas histórias apresentadas no livro sugerem uma *co-implicação* relacional entre as partes, conectadas por um desejo compartilhado de variação de seus modos de existência. De um lado, os mortos *re-suscitam* e estimulam a refabricação do passado via prolongamento de sua presença; de outro, aqueles que ficam se esforçam para estar à altura da prova que consiste em perder alguém e aprender a reencontrá-lo, por meio da elaboração de diferentes dispositivos de instauração. Neste ensaio, apropriamo-nos da estratégia utilizada por Jeffrey Jerome Cohen, no texto *A cultura dos monstros: sete teses*, para esboçar certa pedagogia dos mortos. As teses apresentadas sugerem modos insurgentes de pensar junto aos mortos uma pesquisa transexistencial em educação – em especial, no que tange ao método, ao estilo, aos cuidados éticos, ao ler e ao escrever e às suas montagens do pensamento.

Palavras-chave: um brinde aos mortos; vinciane despret; pesquisa educacional; pedagogia dos mortos.

PEDAGOGY OF THE DEAD: seven theses unfolded from a book by Vinciane Despret

Abstract

In *Our grateful dead: Stories of those left behind*, Vinciane Despret investigates different modes of connection between the living and the dead. Contrary to interpretation that attribute only to the living the task of making existing or undoing ties with those who have gone, the various stories presented in the book suggest a relational co-implication between the parts, connected by a shared desire for variation in their modes of existence. On the one hand, the dead re-raise, they stimulate the re-fabrication of the past by prolonging their presence; on the other hand, those who remain strive to live up to the test of losing someone and learning to find them again, through the elaboration of different mechanisms of instauration. In this essay, we appropriate the strategy used by Jeffrey Jerome Cohen in his text *Monster culture (Seven theses)* to outline a certain pedagogy of the dead. The theses presented suggest insurgent ways of thinking alongside the dead about a transexistential research in education, particularly regarding method, style, ethical considerations, reading and writing, and their assembly of thought.

Keywords: our grateful dead; vinciane despret; educational research; pedagogy of the dead.

PEDAGOGÍA DE LOS MUERTOS: siete tesis desplegadas de un libro de Vinciane Despret

Resumen

En *A la salud de los muertos. Relatos de quienes quedan*, Vinciane Despret investiga diferentes modos de conexión entre los vivos y los muertos. Contrariamente a las interpretaciones que atribuyen únicamente a los primeros la tarea de crear o romper vínculos con los difuntos, las diversas historias presentadas en el libro sugieren una co-implicación relacional entre las partes, conectadas por un deseo compartido de variar sus modos de

existência. Por um lado, os mortos *re-sucitam*, fomentando a reconstrução de sua presença; por outro, aqueles que permanecem se esforçam por superar a prova de perder a alguém e aprender a reencontrá-lo, mediante o desenvolvimento de diferentes mecanismos de estabelecimento. Em este ensaio, nos apropriamos da estratégia utilizada por Jeffrey Jerome Cohen em *La cultura del monstruo: siete tesis* para esboçar uma certa pedagogia dos mortos. As teses apresentadas sugerem formas insurgentes de pensar junto a os mortos: uma investigação transexistencial em educação; em particular, em o que respecta ao método, o estilo, o cuidado ético, a leitura e a escritura, e seus montajes de pensamento.

Palabras clave: a a saúde dos mortos; vinciane despret; investigação educativa; pedagogia dos mortos.

INTRODUÇÃO

Haveria uma pedagogia dos mortos? Em caso afirmativo, o que podemos aprender quando nos propomos a pesquisar com eles? Essas questões situam a leitura que fazemos de *Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam*, de Vinciane Despret (2023). As teses apresentadas neste ensaio seguem a estratégia utilizada por Jeffrey Jerome Cohen (2000) em *A cultura dos monstros: sete teses*. A escolha não é casual: publicado no Brasil como capítulo do livro *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*, o texto de Cohen é fundamental para a compreensão da crítica feita pela teoria educacional à imagem convencional da subjetividade coerente, durável e individualizada. Em seu ensaio, Cohen sugere que as culturas podem ser lidas por meio dos monstros que elas geram. Aqui, desejamos fazer circular (isto é: empenhar-se pela troca contínua) algumas ideias a respeito da pesquisa em educação como modo de endereçamento ao arquivo dos mortos.

Monstros e mortos não existem da mesma maneira. Mesmo assim, eles compartilham a capacidade de assombrar nossa existência. Enquanto as pegadas do monstro servem mais para levantar suspeita sobre a imagem na qual nos reconhecemos do que para definir o que ele é (Silva, 2000), o rumor incessante dos mortos tem força capaz de “[...] puxar os vivos pela manga, infligindo-lhes um sobressalto” (Aquino, 2019, p. 223). Esse desassossego é objeto de estudo em *Um brinde aos mortos*. Ao lado de nomes como Bruno Latour, Gilles Deleuze e Isabelle Stengers Despret, questiona as condições de existência dos mortos não para tentar responder se eles existem de fato, e sim para descrever a maneira pela qual interferem na vida dos vivos; em especial, trata-se de saber quais necessidades devem ser honradas pelos últimos na criação de poéticas transexistenciais.

O que torna um morto capaz de subsistir? A que um morto está ligado? Que tipos de provas o fortificam e quais o colocam em perigo? De que ele precisa? O que pede? De que ele torna os outros seres capazes? Essas questões são tomadas por Despret como matrizes narrativas. Em vez de respostas definitivas, elas demandam fabulações discursivas. Lição primeira: os mortos pedem continuidade e marcam pontos de bifurcação e variação contínua de suas histórias. Daí *Um brinde aos mortos* funcionar como um inventário de histórias narradas por “aqueles que ficam”: escritores, filósofos, antropólogos, historiadores, médiuns, amigos, cartas e *e-mails* endereçados por desconhecidos... Despret não faz distinção entre posições de sujeito, não há hierarquia das fontes; o único critério é a “potência encantatória das narrativas”, caracterizada pelo desejo de continuação, desejo de outras histórias e desejo de vitalidade. O pressuposto é simples: os mortos que nos tocam ocupam uma dimensão da “ecologia do viral”. Quando sentimos sua presença (e os sinais dessa presença podem ser inúmeros, desde um simples sentimento de não estar sozinho até as manifestações mais ativas, como um conselho em um sonho), eles pedem prosseguimento, já que, por falta de hospedeiro, aquilo que toca se enfraquece e não poderá mais tocar ninguém. Ou seja:

fazer sentir se confunde com fazer existir – compromisso ético que Despret (2023, p. 14) traduz com a seguinte sentença: “se não cuidarmos dos mortos, eles morrem de fato”.

As narrativas que compõem *Um brinde aos mortos* cultivam a arte de prolongar a experiência da presença. Por extensão, sua escrita nos ensina sobre a arte do ritmo e dos cruzamentos entre os vários mundos do texto e entre as múltiplas vozes com as quais ele é tecido, bem como sobre as oscilações de sentido e modos de ser que o texto faz coexistir em sua travessia. Seria errado pensar que os mortos seriam apenas o produto dessas histórias, que seu modo de existência está restrito a elas. Mas elas são laboratórios, oficinas de redução de distâncias entre a vida e a morte. Através delas, os mortos chamam os vivos, para que estes despertem os mortos. É nesse meio que nós podemos perceber, “como os círculos na água depois que a pedra se tornou invisível” (Despret, 2023, p. 119), as vibrações da passagem daquilo que age sem fisicamente existir – o que não significa que não seja possível existir de outros modos: para Despret, a maneira como vivemos o luto é informada por teorias articuladas a dispositivos culturais, e é apenas no interior desses dispositivos que aprendemos a acreditar que, quando alguém morre, torna-se inexistente. Pesquisar junto aos mortos é atentar não apenas para a contingência de tais teorias, mas também para o fato de que aqui e ali, em diferentes contextos, bolsões de resistência insistem em emergir.

As teses que seguem apresentam uma forma de compartilhar essas percepções insurgentes. Nelas, o texto de Despret dialoga com obras literárias marcadas pelo luto e pelo ato de escrever através da perda. São autores e autoras que nos ensinam que os mortos nos deslocam: é preciso lapidar a palavra, encontrar um meio de contato, proteger as vozes e fabular. Examinemos juntos o que esses deslocamentos podem nos ensinar a respeito do método, do estilo, dos cuidados éticos, do ler e do escrever e de suas montagens do pensamento em educação.

TESE I: AQUELES QUE FICAM DEVEM TRABALHAR

Não seria errado dizer que as histórias reunidas em *Um brinde aos mortos* são marcadas pelo luto. No entanto, devemos ter em mente o sentido que a palavra adquire no léxico da autora. Para Despret, o luto não pode ser definido como um processo que tem início, meio e fim, segundo um roteiro ordenado e universal. Na contramão do discurso que entende o luto como uma tarefa intrapsíquica de desinvestimento libidinal, pela qual o dever dos vivos é desfazer as relações com os ausentes (em um drama no qual o morto não tem outro papel a não ser se fazer esquecer), Despret vincula o luto ao esforço de suplementação biográfica. Trata-se de oferecer aos mortos um prolongamento de presença: em vez de *matar o morto*, o trabalho do luto deve alimentar práticas e experiências de redução de distâncias entre os vivos e os mortos. O potencial poético próprio dos mortos reside no fato de demandarem aos vivos a instauração de um meio no qual possam perseverar na existência.

Pensemos em uma obra, como *O livro branco*; pensemos em Han Kang (2023), dando corpo à irmã morta duas horas após o nascimento. Ou, então, em *O invencível verão de Liliana*, pensemos no esforço de Cristina Rivera Garza (2024) para reativar a história da vida e da morte da irmã, 30 anos após o crime de feminicídio ter sido arquivado, sem a prisão do responsável. Pensemos em *Vênus em dois atos*, de Saidiya Hartman (2020), na fabulação crítica como tentativa de dar aderência no presente à vida da garota morta por um capitão de navio negreiro – pensemos nessa escrita no limite do indizível, na vontade de saber, diante do silêncio dos arquivos da escravidão. Pensemos ainda em “Georges”, investigação pessoal conduzida por Despret em *Um brinde aos mortos*; pensemos no tio-avô falecido em 1904, na história sendo contada à filha pelo pai reiteradas vezes, na filha delegando a si o papel de guardiã dessa existência mínima e no modo como herdar e honrar

participam de um só esforço de dar ao passado um lugar no presente, para que seja possível, no futuro, seguir compondo com o que um dia desapareceu. Pensemos nesses trabalhos de instauração de existências, no texto como superfície de contato e na escrita como dispositivo de conjuração. Conjuguemos esses mortos no presente, para que, assim, continuem a agir em outras vidas.

Escrever se endereçando ao arquivo dos mortos implica trabalhar frase a frase, de forma a comprovar que os mortos têm modos de ser “[...] que fazem deles seres bem reais no registro que é o deles, que manifestam modos de presença que importam e dos quais podemos sentir os efeitos” (Despret, 2023, p. 16). A cada vez, em cada caso, trata-se de um ser vivo que acolhe o pedido endereçado a ele por um ser a ser feito. Não se trata da sombra do objeto recaindo sobre o eu – em outra direção, os mortos afirmam a si próprios como condutores de vitalidade.

De que modo acolher existências tão frágeis? Como estar à altura de maneiras de ser com latitudes de ação tão restritas? É preciso explorar as condições adequadas de ligação, criar os meios e experimentar as palavras. A prova que os mortos endereçam àqueles que ficam não se resolve com o deixar partir, mas sim com o aprender a reencontrar o que foi perdido.

TESE II: OS MORTOS FAZEM DAQUELES QUE FICAM FABRICANTES DE NARRATIVAS

O luto é uma trama complexa de aprendizagem. Você aprende sobre a transitoriedade das coisas, sobre o tempo, sobre o fracasso do querer. Em *Notas sobre o luto*, Chimamanda Ngozi Adiche (2021, p. 14) percebe que “[...] o luto tem a ver com palavras, com a derrota das palavras e com a busca das palavras”. É por esse vínculo entre o luto e a busca das palavras que gostaríamos de desenvolver esta tese, que diz que os mortos fazem daqueles que ficam fabricantes de narrativas.

No trabalho de Despret, o luto tem uma dimensão vocativa: os mortos levam aqueles que sobrevivem a criar modos de resposta a seus estilos nem sempre óbvios de presença. Diante de uma sensação, de um sonho, de um sentimento estranho de obrigação, em suma, diante de um sinal cuja recepção é enigmática, o que fazemos com isso? Não existem técnicas de tradução. Não há dicionário disponível, nenhum sistema de reconhecimento ao alcance da mão. Que sentido nos exigem? Que modo de ser podemos oferecer? A escolha ética de Despret é compreender o sinal como uma matriz narrativa, isto é, assumi-lo como um afeto, cuja atração nos coloca em movimento constante de produção de sentidos (e não significações). O luto se torna um enigma que não precisa ser explicado, mas sim compreendido: deve abranger toda a ausência, toda a insuficiência que há naquilo que pensamos e naquilo que fazemos. Daí os mortos não estarem indo na direção contrária à nossa, rumo ao passado, enquanto seguimos em frente. Eles representam tropismos, fazem-se presentes como forças que nos atraem, assombram-nos e nos dirigem. Eles nos ensinam a arte das versões – é preciso fabular, raspar as palavras e testar inúmeros usos.

Em 26 de outubro de 1977, um dia após a morte de sua mãe, Roland Barthes (2011) iniciava seu *Diário de luto*. Lidas hoje, as 330 fichas têm o aspecto de oficina da obra, trabalhando os sentidos que seriam assumidos pelos projetos futuros. Para Barthes, o luto não é um bloqueio, mas uma “disponibilidade dolorosa” (Barthes, 2011, p. 77), um modo de se manter à espreita de algum sinal de presença. Essa disponibilidade dolorosa transforma o escrever em uma forma de “combater a dilaceração do esquecimento na medida em que ele se anuncia como absoluto” (Barthes, 2011, p. 110). Diante da iminência do desaparecimento total, do apagamento dos rastros e da impossibilidade do testemunho (o que será de nossos mortos depois de nós? O que restará deles depois que o que deixaremos também for apagado, quando também nós já não estivermos em parte alguma e em ninguém?), a escrita é o lugar do *reconhecimento*.

“Não estar morto para ninguém é, justamente, o risco que os mortos correm: o nada” (Despret, 2023, p. 48). As narrativas funcionam como pontes. São histórias que se situam a partir dos mortos para serem enviadas a outros lugares, em outros tempos, para que também possam ser reviradas e revividas. Despret insiste na ideia de que os mortos são dotados de uma notável potência de ativação dos vivos. É isso que faz com que lembrar não seja um simples ato de memória, e sim de criação.

A narrativa é a fabricação de um modo de presença. Ela supõe vetores de vitalidade, ao mesmo tempo que procedimentos de proteção. Percebemos isso na seguinte história: alguns meses depois da morte do marido, a esposa conta à filha que ele apareceu durante a noite. Quando a filha pergunta a ela se ela sonhou, a mulher responde que não sonhou com ele, e sim que *o sonhou*. A nuance envolvida na formulação tem relação com a necessidade de traduzir o que Despret define como “algo intermediário”: não estamos no domínio do sonho nem da realidade usual. Tampouco estamos no domínio do ver ou da ausência daquilo que é percebido. O que está em jogo é um esforço de comunicação de uma “tonalidade justa”, capaz de distribuir, de forma adequada, os regimes de existência.

As significações desviam, e a língua enriquece em nome do compartilhamento da experiência. As histórias agem e fazem com que alguma coisa aconteça. Elas são sensíveis e tocam. Essa é sua força plástica e a sua inteligência.

TESE III: OS MORTOS ABREM ESPAÇO (A HISTÓRIA É O TERRITÓRIO)

Aprendemos que o mapa não é o território. O princípio nos lembra da separação entre as palavras e as coisas, indicando que a linguagem não equivale ao referente. Quando pesquisamos, aprendemos que é preciso não confundir nossas descrições com aquilo que elas descrevem. No entanto, sabemos bem que, quando escrevemos para explorar o que pensamos, aprendemos que a escritura é feita do mesmo material que o pensamento. É ingenuidade acreditar que escrevemos para relatar o que pensamos, já que o que pensamos está desdobrado na frase.

Escrever se endereçando ao arquivo dos mortos é, também, uma maneira de se aproximar dessa *coimplicação*. Diante de nós, os mortos são signos da alteridade limite. Eles escapam: de nossa compreensão, de nossas palavras e de nossos regimes estabelecidos de viver-junto. É nesse sentido que a história da qual eles são parte é tanto um suplemento biográfico quanto o território no qual eles podem existir de outra forma. Quando temos a experiência de uma presença, o que podemos dizer a respeito é a sua fabricação, o seu prolongamento e a sua passagem adiante. Ou seja, trata-se do mesmo tecido que se dobra e se desdobra no mesmo ritmo. Narrar é construir e delinear um meio no qual não está em questão lutar contra a ausência, e sim compor com a presença. Sentir é uma forma de contar uma história sem fim.

Os mortos abrem espaço: eis uma ideia recorrente quando se trata do luto. Talvez possamos devolver a essa ideia seu sentido mais ativo, relacionando a abertura ao traçado de novos territórios, outras vias de pensamento e outros limites para o reduzido mundo dos vivos. Não se trata de falta, mas de variação.

Em *O livro branco*, Han Kang (2023, p. 156-157) nos mostra isso muito bem:

Como eu quis e ousei emprestar minha existência à minha irmã mais velha (bebê), tive de pensar na vida, mais do que qualquer outra coisa. Como quis dar a ela um corpo por onde fluía sangue quente, tive de olhar com carinho, todo o tempo, para o fato de que nós vivemos em nossos corpos quentes – não havia outra escolha sem ser a do carinho. Tive de acreditar na parte de dentro de nós que não foi partida, comprometida nem maculada de nenhuma forma – não havia outra escolha sem ser acreditar.

O luto de Han Kang opera nesse espaço imaculado, o único espaço experimentado por um bebê que morreu pouco depois de ter nascido. “Era uma menina com rosto branco como um bolinho de arroz em forma de lua” (Kang, 2023, p. 17), uma menina envolta em um cueiro branco, que, depois, tornou-se seu caixão, quando seu corpo foi enterrado pelo pai na montanha coberta de neve. O branco (*hwin*), na língua materna da autora, é permeado pela ideia de vida e morte. O branco do rosto, da neve e dos espíritos. O branco como um meio de coexistência.

Os mortos abrem espaço. Fazem ver o não visto. Ativam percepções não usuais. Tornam o mundo mais imaginativo. Assim como as histórias, aqueles que ficam se colocam em movimento, à disposição dos encontros que suscitam em sua própria busca. Esses movimentos criam mundos, estabelecem variações e povoam territórios. De repente, “[...] tudo começa a se movimentar – sinal de que alguma coisa ali insufla a vida” (Despret, 2023, p. 18).

Colocar a questão do meio é crucial para a investigação que se estabelece junto aos mortos. Não haveria como ser diferente: a primeira pergunta que eles nos fazem é relativa ao espaço e não ao tempo. Onde ele está? É preciso encontrar um lugar e construir um meio adequado, no qual a *coimplicação* seja possível. “A maneira de ser dos mortos requer boas maneiras, maneiras pertinentes, de se dirigir a eles e de compor com eles” (Despret, 2023, p. 16). Se certos modos de narrar funcionam, é porque eles instauram um meio no qual a existência dos mortos não se conclui, permanece em aberto, indeterminada. O meio é um espaço transexistencial, duas ontologias distintas estão coimplicadas nele. É o lugar de “[...] uma presença que requer outra, que exige o fato de que alguém acolha, que esteja justamente, ou se proponha, como ‘presente’” (Despret, 2023, p. 115). Escrever nesse meio é escrever pelos interstícios, investigar precisamente ali, no interior dos afastamentos, em que sensação e percepção andam lado a lado (uma presença sempre estará de acordo com a sensação através da qual ela é acolhida e experimentada).

Isso não se conclui, *isso* vaza. O espaço segue se abrindo. Uma borda é desdobrada em outra. *Isso* oscila, porque simplesmente não pode deixar de fazê-lo.

TESE IV: OS MORTOS REPETEM NO PASSADO O QUE FAZEMOS NO PRESENTE

Não são poucas as vezes em que o trabalho de prolongamento existencial faz com que o curso da vida daqueles que ficaram seja desviado, misturando-se com a vida pregressa e com as marcas que ela deixou. Essa é, aliás, uma das definições de herança que encontramos em *Um brinde aos mortos*: prolongar uma existência de outra maneira. Barthes (2011) confessava falar com a mãe morta, assumindo esse diálogo como uma organização de vida: continuar a viver, cotidianamente, de acordo com os valores dela, cozinhar a comida que ela fazia e conservar a casa segundo a organização dela. Encontramos esforço semelhante no luto de Noemi Jaffe (2021, p. 78), que assim relata a persistência das coisas e dos modos que eram de sua mãe:

Uso seus brincos com devoção e amor; seus anéis; uma blusa. Me sinto, assim, um pouco ela, com seu tipo particular de cuidados: o cabide com roupas pendurado na maçaneta do armário, os sapatos um ao lado do outro, roupas finas envolvidas em plástico, uma sacola para as meias-calças, outra para as calcinhas e outra para os sutiãs, os colares pendurados num cabide na porta do armário.

Podemos entender essas formas de prolongamento de presença como um mero mecanismo de identificação. Todavia, essa é uma interpretação que vê no luto uma relação de si para si, na qual o sujeito está reduzido à sua própria interioridade. Diferente é ler esses atos desde a perspectiva de uma relação ativa que os vivos mantêm com seus desaparecidos: quando o ser querido se cala, o

luto é o trabalho pelo qual continuamos a lhe dar voz, narrando-o em nós. Quando o compromisso que estabelecemos com os mortos é da ordem do suplemento, o fazer *como* é sempre fazer de *outra maneira*, o que só é possível quando se faz a *mesma coisa*.

Esse entendimento faz com que possamos nos questionar se, na verdade, não foram nossos mortos que realizaram parte de sua vida sendo um *rascunho* daquilo que fazemos. Poderíamos, então, pensar que o fato de refazer os gestos do desaparecido, realizar as coisas que ele realizou, apropriar-se de suas maneiras de viver e seus gestos, em suma, prolongar seus hábitos, faz com que ele tenha preparado, antes, aquilo que veio depois. Isso inverte o regime de ação conduzido pela repetição: “não reproduzimos os atos do passado (a não ser no sentido de produzi-los novamente), eles é que, no passado, ‘repetiam’ aquilo que constituem como futuro” (Despret, 2023, p. 54).

Os mortos repetem no passado o que fazemos no presente. Isso significa dizer que eles preparam, desde o passado, o horizonte do possível que nos envolve, endereçando, através do tempo, suas mensagens por meio de gostos, gestos, planos e intenções. A ética que se desdobra em tal modo de relação transexistencial não pode ser outra coisa que não algo da ordem do inesgotável. Todas essas coisas que podemos herdar daqueles que partiram certamente conduziram suas vidas, mas seria um erro acreditar que essa condução estaria concluída na morte. É ela que nos encontra, e é com ela que podemos prolongar uma vida como um rastro que se torna mais duradouro, mais ressonante, de maior amplitude. Outra vez, Noemi Jaffe (2021, p. 106) vem em nosso auxílio:

Percebo o quanto tenho imitado e incorporado gestos e expressões de minha mãe, como tenho me tornado cada vez menos complicada e mais silenciosa do que eu era. Ela agora mora no meu corpo e na minha memória, e muitas vezes, ao me sentar para orar, sinto uma película fina de ar me envolvendo, seu braço de penugem. Minha mãe se tornou um roçar.

O luto é uma forma de devir. Tornamo-nos outros, passamos a agir de outras maneiras. Despedimo-nos daquilo que éramos, graças à longa preparação de gestos que hoje podemos encenar em nossas cenas cotidianas. Repetimos o que nos foi deixado como herança, e talvez seja isso que iremos endereçar quando chegar a nossa vez de morrer – no que restará de nós, estará o que resta de nossos mortos em nós.

TESE V: OS MORTOS ENSINAM A APRENDER A CONFIAR

Gotham Handbook (2019), de Sophie Calle e Paul Auster, reúne as instruções dadas à artista pelo escritor durante sua estadia em Nova York. Atendendo a um pedido de Calle, Auster sugere coisas triviais, tais como sorrir a desconhecidos, dar cigarros e sanduíches a pessoas em situação de rua e escolher um lugar da cidade para cultivar. A disponibilidade irrestrita de Calle, que também constitui uma obrigação à obediência, serve como modelo ao método de investigação empreendido por Despret em sua pesquisa junto aos mortos.

Em primeiro lugar, é necessário aprender a confiar. Esse princípio geral de pesquisa abre o canal para o que Despret (2023, p. 21) denomina de “aceitar ser instruído”, uma postura investigativa que faz com que aquele que pesquisa deva, obrigatoriamente, deixar-se conduzir pelas pessoas que encontra. Sabemos bem que toda pesquisa suscita encontros não previstos ou mesmo improváveis. Costumamos celebrar encontros com textos e outros materiais que enriquecem a investigação, sem que tenhamos pensado neles de antemão. Da mesma forma, seguimos, geralmente, sem hesitação, o movimento suscitado pelo texto, interessando-nos por suas ramificações e afinidades conceituais. Sabemos que isso constitui a maneira como trabalhamos usualmente.

As coisas não costumam funcionar de modo semelhante quando se trata de atos humanos. No plano das relações interpessoais, as diferentes formas da desconfiança constituem um estado regular de organização relacional. Muitas vezes, simplesmente não damos prosseguimento ao que nos é oferecido, não aceitamos o que nos é ofertado. Despret propõe a si própria uma conduta dissidente. A “ecologia do viral” que sustenta *Um brinde aos mortos* fez com que ela tivesse estabelecido o seguinte protocolo de pesquisa: durante um ano, ainda no período preliminar da investigação, todos os dias, ela se propôs a fazer tudo aquilo que as pessoas a diziam para fazer.

Obedeci às instruções sem fazer perguntas sobre o que motivava as pessoas a me recomendar tal série americana, tal romance, tal filme. Se não sentiam necessidade de justificar, logo descobri, é porque estavam certas de que eu iria compreender, que não havia explicação a dar. Meu mundo ficou povoado de pesquisas enigmáticas (Despret, 2023, p. 25).

Tal fidelidade às instruções faz a autora perceber que cada uma delas é composta de uma ideia do que a pesquisa deveria ser, de modo que a constelação dessas ideias foi responsável por sua formação. Enquanto ia sendo desenvolvida, a investigação acabava por se diferenciar de cada uma das ideias consideradas isoladamente, mesmo sendo informada por cada uma delas. Verdadeiro problema de montagem, com o sentido sendo construído por meio de intervalos, quebras e aproximações não convencionais. Além disso, nenhum desejo individual tomava a frente, nem mesmo o da autora. O controle estava nas bordas e nas zonas de contato entre elementos heterogêneos.

Despret relata, ainda, um deslocamento operado por essa dinâmica relacional de pesquisa, com o percurso de obediência às pessoas se convertendo em percurso de obediência às ligações e às obras indicadas em si. Isso se deu através de um aprendizado anterior, relacionado à necessidade de saber esperar para entender o que as instruções poderiam querer dizer. Se as pessoas estavam certas de que ela iria compreender a razão de determinada indicação, era preciso confiar. Como a compreensão nem sempre acontecia imediatamente, foi necessário aprender a esperar. “As próprias obras deveriam produzir essas ligações e eu deveria deixá-las agir sobre mim, sem intervir muito, eu deveria deixar que se conectassem, confiando na sua potência de articulação e atrito” (Despret, 2023, p. 25). Ou seja, não apenas as pessoas, mas também as obras deveriam trabalhar, agir e instruir. É a própria pesquisadora que se tornava objeto de experimentação: alguém disponível, atento a elos invisíveis e a perguntas-enigmas que a obra deveria criar.

O resultado é uma curiosa inversão do querer: os atos passam a preceder as intenções, que passam a ser produzidas por eles. Dizemos: “minhas intenções”. No entanto, muitas vezes, estamos diante de intenções de captura, que nos enredam por meio de acontecimentos que funcionam como potência de intenção. Aceitar ser instruído é isso: estar exposto, não negar e saber esperar que a matéria trabalhe e ofereça algum sentido – algo que, no final das contas, irá permitir ir em frente, no movimento sugerido pelo próprio acontecimento.

O método de Despret é coerente com a matéria estudada. Deixar-se contagiar por intenções alheias, quer dizer, permanecer disponível a um *isso pensa* independente de nós diz respeito a certo decaimento da soberania do sujeito, algo que sempre está em causa na relação entre os vivos e os mortos. Aceitar ser instruído é um ato que se realiza quando confiamos na eficácia de regimes de vitalidade distintos do nosso e no percurso que se desdobra na zona de indeterminação, dentro da qual cada um, à sua maneira, torna-se capaz de acolher a presença de seus mortos.

TESE VI: OS MORTOS SÃO UMA EXISTÊNCIA MENOR

Habitamos uma terra de mortos, muito mais deles do que nossa. Os números deixam pouca margem para contestação. Somos, hoje, 8 bilhões de vivos. Considerando estimativas históricas, esse número representa menos de 7% do total de 117 bilhões de almas que já teriam passado pela face deste planeta. Para cada ser vivente na atualidade, corresponderia a uma média de mais de 14 mortos. O que aí avulta é a “[...] evidência de que o mundo que ora habitamos consistiria em nada além de um prolongamento errático dos gestos possíveis das criaturas que o habitaram e que, de algum modo, persistem habitando-o” (Aquino, 2019, p. 222).

No entanto, mesmo sendo mais, os mortos constituem um tipo de existência menor, no exato sentido que Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012) dão ao termo: um desvio relativo ao modo majoritário de entender o que significa existir. Ainda que os vivos constituam um conjunto numericamente menor, somos o padrão em relação ao qual são avaliados os modos de existência alternativos. Daí os mortos existirem em relação aos vivos, o que lhes dá a possibilidade de interferir em nossas existências, de maneira a modificá-las. Lição: servir-se dos mortos para *pôr em fuga* a vida tal a conhecemos; e subtrair da vida, através dos mortos, as suas constantes mais insuspeitas.

Os mortos não constituem um universo à parte, separado do mundo real. Pelo contrário, a relação que estabelecem com os vivos é de imanência. Nomes, túmulos, gestos, hábitos herdados, objetos, fotos e memórias, enfim, uma grande quantidade de vestígios sustenta sua presença. Mesmo com a dificuldade de definir com precisão o regime de existência que podemos conceder aos mortos, eles possuem seu próprio fragmento de realidade. “Sua potência de agir, ou melhor, de fazer agir, sua capacidade de se impor a partir ‘do exterior’ traduz a efetividade de sua presença” (Despret, 2023, p. 15).

Ao pensar em definir a maneira como os mortos entram na vida dos vivos, fazendo-os agir de determinadas maneiras, Despret evita a armadilha de distribuir os modos de ser em duas categorias: de um lado, a existência física, e, de outro, a existência psíquica (ou algo que diz respeito ao mundo material ou apenas se origina em produções subjetivas). De fato, tal polarização deixa aos mortos dois destinos possíveis, igualmente miseráveis: não existir ou existir como alucinação.

Afirmar que os mortos manifestam modos de presença dos quais podemos sentir os efeitos situa sua existência em um registro distinto do alucinatório, vinculando-os a formas de percepção não usuais, minoritárias e raramente compartilhadas. Os mortos não deixam de nos interpelar. Em algum ponto, as coisas vazam, confundem-se modos de ser, e o pensamento é forçado a responder. Os mortos acrescentam à equação vital uma dimensão suplementar, que é a dos intercâmbios entre diferentes modos de existência. Somos lembrados disso por David Lapoujade (2017, p. 41): “São provavelmente as existências mais frágeis, próximas do nada, que exigem com força tornarem-se mais reais”. O luto é uma forma de responder a essa interpelação. Aí, a questão que se coloca é da ordem da realização: desfazer ou multiplicar relações e trabalhar por um adicional de vida ou por um segundo desaparecimento.

Uma pedagogia dos mortos também se inscreve através de um regime particular de obrigações. Trata-se de aprender a acolher um sentimento de necessidade, cuja não realização não traz nenhum prejuízo concreto ao andamento da vida cotidiana. Assim, acolher é sempre atribuir valor e importância, bem como reconhecer nas interpelações um direito legítimo de existir. É dessa forma de reconhecimento que nos fala Adriana Lisboa (2022, p. 09), após a morte dos pais:

É possível que exista um momento – e talvez não seja um momento ao qual se chega em definitivo, mas pelo qual se passa um punhado de vezes ao longo da vida – em que nos expressamos quase que por obrigação. Uma obrigação, é claro, não para com o mundo, mas para conosco e com essa bela, estranha e frágil existência cujo protagonismo por acaso é nosso.

Não se trata de uma simples obrigação amorosa, embora o amor esteja necessariamente em causa (aceitemos o amor como essa história irregular, na qual reconhecemos a nossa existência em relação com outra, uma história nem sempre harmoniosa, mas suficientemente resistente, para que consigamos crescer dentro dela). A obrigação assumida junto aos mortos está implicada em nossos atos, naquilo que escrevemos e lecionamos; é parte do que endereçamos ao outro. Os mortos podem ser generosos, na medida em que ampliam nosso repertório de intenções. Forças minoritárias eles influenciam; forçam movimentos insurgentes, não convencionais. Eles *fazem-fazer* de outros modos.

TESE VII: É PRECISO ESCREVER VACILANDO

Entre os exercícios de escrita propostos por Bernadette Mayer (2016), um consiste em escolher uma palavra qualquer, deixá-la trabalhar dentro de nós e esperar que ideias surjam ao seu redor. A escrita inicia pela anotação dessas ideias, seguindo pelo movimento estabelecido entre elas. É exatamente esse o procedimento adotado por Han Kang (2023), em *O livro branco*, em que a palavra “branco” (cor do luto em certas culturas orientais) funciona como o princípio organizador de uma lista: cueiro, sal, neve, gelo, arroz, lua, onda... Essas palavras são olhadas mais de perto, e a escrita vai se construindo como um jogo de esconde-esconde entre elas (esconder-se um pouco do mundo dos vivos para cuidar dos mortos: um outro sentido possível para o escrever).

Podemos escolher uma palavra como “deserto” e escrever de modo árido, sem pontos de referência, em constante movimento.

Podemos escolher a palavra “fogo” e incendiar as próprias palavras.

Ou, então, podemos escolher pela palavra “monstro” e escrever um texto sem categoria definida, um texto-limite ou mesmo um texto assustador.

Quando escolhemos a palavra “mortos”, colocamos ao redor dela palavras diferentes daquelas que estávamos acostumados a colocar. Tais palavras são a base deste ensaio, que caminha para a sua conclusão ao redor de uma palavra final (que, certamente, não é a última): “vacilar”. Qualquer dicionário nos oferecerá os sentidos úteis: ter dúvidas ou hesitação; balançar por falta de firmeza e oscilar; não estar ou não se mostrar muito seguro; sofrer ou fazer sofrer temor ou abalo; e estremecer, sacudir e tremer.

Tomemos, agora, a definição proposta por Despret (2023, p. 63): “vacilar é produzir vários fragmentos de entusiasmo, em várias direções”. Pesquisar junto aos mortos é elaborar traduções que abrem e fazem hesitar o pensamento a respeito da experiência, suscitando outras traduções e outros modos de fabular “[...] o mapa das interações entre os mundos celestes e terrestres” (Despret, 2023, p. 108). Essas traduções configuram histórias que precisam de espaço, e esse espaço é criado no potencial movente da história, ou seja, traduzir é fazer variar os sentidos possíveis e seguir adiante, a partir de inúmeras possibilidades de leitura, pela obrigação de cultivar diferentes matrizes narrativas. Os mortos nos ensinam o equilíbrio em meio ao movimento – um ponto de segurança que não está relacionado à explicação, mas sim a práticas de indeterminação.

Os mortos suscitam histórias. Inúmeras teorias e artefatos culturais comprovam isso. Porém, ainda é preciso adicionar a essa ideia o fato de eles recusarem o final de suas histórias – “[...] o que caracteriza os relatos que mortos nos fazem criar é que, justamente, eles nunca terminam. Ao contrário, esses relatos são um protesto contra o que se dá por acabado” (Despret, 2023, p. 296). É preciso se endereçar a eles, protegendo aquilo que faz a *coimplicação* existir: escrever vacilando é uma forma de proteger o próprio tecido da experiência transexistencial. A “ecologia do viral”, na qual estão inseridos os mortos, sempre se relaciona a um desejo de prolongamento, compartilhado entre as partes em relação – desejo que se manifesta através da tentativa de fazer

sentir a experiência. Daí a fabulação de uma pedagogia dos mortos não reservar lugar para nenhum ideal de transmissão: trata-se de trabalhar as frases, de modo a preservar a força de indeterminação que as faz existir.

Barthes (2004) nos ajuda a pensar a questão em termos de método: se queremos aprender com os mortos, importa-nos agir *como se* devêssemos fazê-lo. Colocar-se na posição de quem *faz* alguma coisa, e não de quem fala *sobre* alguma coisa. E se faz isso ao redor da palavra disposta sobre a mesa, montando as imagens que ela oferece. Nesse movimento, torna-se possível endossar uma produção junto aos mortos: já não os tomamos sob a forma de objetos de estudo, e sim de uma prática de pesquisa. Damos continuidade e assumimos a escrita como uma tecnologia de reconvocação. A história é mantida viva, e a materialidade da experiência não se desfaz.

Escrever vacilando, escapar da última palavra. Revisitar as histórias relatadas por Despret, acrescentando outros pontos de ancoragem ao seu discurso, é compartilhar com ela uma ética dos relatos. Tal ética nos faz consentir em não querer barrar o curso dessas histórias. Nada a interpretar, nada a concluir. Além disso, a ética dos relatos configura, também, o nosso desejo de pesquisar *como se* esse consentimento fosse uma obrigação: a de honrar a recusa dessas existências de chegar ao fim.

CONCLUSÃO

Não há outro modo de concluir sem ser endereçar. As notas que desdobramos são matéria plástica afeita ao uso, ao contágio e à proliferação. Isso não se deve apenas às insuficiências de seus apresentadores (em muitos pontos, não fizemos mais do que desdobrar o que encontramos em nossas leituras). Deve-se, sim, ao fato de que uma pedagogia dos mortos não pode se satisfazer com uma via de mão única na ordem da produção de conhecimento. A proliferação de vozes, os seus deslocamentos, as suas oscilações e reencarnações, tudo isso delinea seus contornos e estabelece seu modo de existência. Para pensar e para ensinar, é preciso ser *tocado*. O arquivo – seus murmúrios, signos desemparelhados e excessos de sentido – é o meio desse encontro. Endereçando-nos a ele, estamos apenas buscando o contato.

Dissemos que os mortos nos fazem trabalhar, porque, assim, perspectivamos nossa prática de docência-pesquisa – “[...] o terreno educacional é o abrigo dos mortos, estes que, paradoxalmente e sem cessar, nos ensinam a viver” (Aquino, 2019, p. 438). Ensinam porque nos arremessam a uma dimensão incógnita do existir. Ensinam porque atrelam nosso saber-fazer ao cuidado de existências frágeis, não obstante capazes de nos assombrar. Ensinam porque enlaçam passado e futuro como campos em disputa, tornando o presente o tempo de reanimação de desejos perdidos, histórias jamais vividas (ainda que fabuladas) e trajetórias virtuais não atualizadas (ainda que um dia possíveis).

Dissemos que os mortos fazem de nós fabricantes de narrativas, porque isso nos faz manter os olhos no texto e perguntar sobre o seu funcionamento, sobre as nossas escolhas de linguagem e sobre o mecanismo interior do que escrevemos – “Esse coração. Essa palpitação” (Rivera Garza, 2024, p. 277).

Dissemos que os mortos abrem espaço, porque nós próprios habitamos um espaço dentro do qual podemos crescer em meio ao ritmo das frases, ao pé das palavras, céu acima.

Dissemos que os mortos repetem insistentemente aquilo que hoje assumimos como coisas nossas. Fizemos por acreditar na força dos gestos como quem acredita na força dos vulcões: eles não dormem nunca, há vigilância constante em suas erupções potenciais e seus efeitos.

Dissemos que os mortos nos ensinam a aprender a confiar, porque confiamos nos desejos que nos convocam a viver-junto: talvez uma pedagogia dos mortos nos ajude a perceber melhor esses momentos *entre* – essa película de ar que insiste fora da existência das coisas, mesmo estando a elas intimamente ligada, uma espécie de agência virtual que nos coloca em movimento diante do que não é, mas opera em aparente silêncio.

Dissemos que os mortos são uma existência menor, porque sentimos formigar a pele toda vez que repetimos isso (a vida se expande um pouco a cada riso, o que somos perde um pouco de sua gravidade a cada arrepio do sentido).

Dissemos que os mortos nos ensinam a oscilar entre o saber e o não saber, o provável e o inverossímil, o fantasma e as sombras de um oceano nas árvores em movimento. Pensar vacilando: condição de coexistência.

Dizer isso seria suficiente, mas, ainda assim, não seria dizer tudo. Sobretudo porque, diante de tantos nomes, ainda não teríamos pronunciado aquele que nos trouxe até aqui, o nome que nos mantém juntos a certas ideias que informam nossos estilos de presença nas lutas de nosso tempo. Em sua última aula, Barthes (2005) falou sobre as autorizações que encontramos nas mutações de escritas anteriores, sobre o quanto a escrita que realizamos no presente pode funcionar como uma espécie de deslizamento de escritas antigas em palavras novas e montagens singulares. É através de um deslizamento dessa ordem que, enfim, evocamos, por amor e honestidade, a presença de Sandra Mara Corazza – sobrevivência transversal.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Notas sobre o luto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- AQUINO, Julio Groppa. O arquivo e a pesquisa educacional: aproximações. In: JUNIOR, Atilio Buturi (org.). *Foucault e as práticas de liberdade II: Topologias políticas e heterotopologias*. Campinas: Pontes Editores, 2019, p. 207-226.
- AQUINO, Julio Groppa. *Educar pelo arquivo: ensinar, pesquisar, escrever com Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2019.
- BARTHES, Roland. *Diário de luto*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BARTHES, Roland. Durante muito tempo, fui dormir cedo. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 348-363.
- BARTHES, Roland. *A preparação do romance II: a obra como vontade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CALLE, Sophie; AUSTER, Paul. *Gothan Handbook*. New York, mode d'emploi. Paris: Actes Sud, 2019.
- COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: COHEN, Jeffrey Jerome et al. *Pedagogia dos monstros – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000, p. 23-60.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DESPRET, Vinciane. *Um brinde aos mortos: Histórias daqueles que ficam*. São Paulo: n-1 edições, 2023.
- HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. *Revista ECO-Pós*, 23(3), 2020, p.12-33.

- JAFFE, Noemi. *Lili*: Novela de um luto. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- KANG, Han. *O livro branco*. São Paulo: Todavia, 2023.
- LAPOUJADE, David. *As existências mínimas*. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- LISBOA, Adriana. *Todo o tempo que existe*. Belo Horizonte: Relicário, 2022.
- MAYER, Bernadette. Experiências. *Revista Grampo Canoa* #2. São Paulo: Luna Parque, 2016, p. 4.
- RIVERA GARZA, Cristina. *O invencível verão de Liliana*. Belo Horizonte: Autêntica Contemporânea, 2024.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da Pedagogia Crítica. In: COHEN, Jeffrey Jerome *et al.* *Pedagogia dos monstros – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000, p. 11-22.

Submetido em agosto de 2025
Aprovado em outubro de 2025

Informações das autoras

Cristiano Bedin da Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
E-mail: cristianobedindacosta@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0935-8503>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1830829812319182>

Bibiana Munhoz Roos
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: bibiana.munhoz@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8384-7095>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1635601538749125>